



AS ESCRIVIVÊNCIAS, O PRETOGUÊS E A INTERSECCIONALIDADE:  
UMA BREVE LEITURA DE *LEITE DO PEITO*, DE GENI GUIMARÃES

Vivian Leme FURLAN<sup>11</sup>  
Rebecca Beatriz Pinheiro QUINTINO<sup>22</sup>

**RESUMO:** O presente artigo faz uma breve leitura da obra *Leite do Peito*, de Geni Guimarães, partindo da relação do conceito de “escrevivência” de Conceição Evaristo com o termo “pretoguês”, cunhado por Lélia Gonzalez em 1988. O conceito de “escrevivência” se define pela escrita da experiência e do corpo negro no Brasil. O “pretoguês”, por sua vez, em síntese, é o resultado da fusão do sistema linguístico do colonizado com o sistema linguístico do colonizador, ou seja, é a resistência do povo negro em manter sua língua viva. Com base nesses dois conceitos-chave, partiremos, para a análise crítica da obra em questão, da escrita das vivências de uma personagem-autora negra, em que se nota que o texto extrapola as questões de estrutura literária, sendo possível um olhar para a condição de marginalização da escrita de mulheres negras na literatura brasileira, haja vista a breve análise do prefácio da obra. Será importante, também, atentar-se para questões de interseccionalidade entre raça, classe e gênero, que permeiam não só a obra de Geni Guimarães, mas também as suas condições de trabalho e suas publicações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geni Guimarães. Escrevivência. Interseccionalidade. Literatura feminina afro-brasileira.

WRITINGS, BLACK GUYS AND INTERSECTIONALITY:  
A BRIEF READING OF *LEITE DO PEITO*, BY GENI GUIMARÃES

**ABSTRACT:** This article analyzes the literary work *Leite do Peito*, by Geni Guimarães, starting from the relationship between Conceição Evaristo's concept of writing called *escrevivência* and the term *pretoguês*, coined by Lélia Gonzalez in 1988. The concept of *escrevivência* is defined by the write of the black body experience in Brazil. The *pretoguês*, in turn, in summary, is the result of the fusion of the colonized's linguistic system with the colonizer's linguistic system, that is, it is the resistance of the black people to keep their language alive. Based on these two key concepts, we will proceed to a critical analysis of the work in question, from the writing of the experiences of a black character-author, where it is noted that the text extrapolates the issues of literary structure, making it possible to look at the the condition of black women writing marginalization in Brazilian literature, as given the

1 Professora Doutora em Estudos Literários pela UNESP/FCLAr. Sem vínculo institucional. Endereço eletrônico: <viviufscar@gmail.com>

2 Licencianda do Curso de Licenciatura em Letras pelo Instituto Federal de São Paulo – *Campus* Salto. Bolsista PIBIFSP. Endereço eletrônico: <rebecca.quintino@aluno.ifsp.edu.br>.

brief analysis of literary work's preface. It will also be important to pay attention to issues of intersectionality between race, class and gender, which permeate not only the work of Geni Guimarães, but also his working conditions and his publications.

KEYWORDS: Geni Guimarães. *Escrevivência*. Intersectionality. Afro-Brazilian women's literature.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa que se encontra em andamento e que nasceu de uma inquietação a respeito das condições desfavoráveis que enfrentam as mulheres negras<sup>3</sup> no que diz respeito à prática da escrita no Brasil. Assim, partimos de algumas das seguintes perguntas norteadoras: Por que as escritas de mulheres negras foram marginalizadas? Como o conceito de interseccionalidade contribui para a compreensão dessa discussão?

Conceição Evaristo é uma importante figura para a literatura afro-brasileira. Escreveu diversas obras que relatam experiências de pessoas negras e pobres; suas personagens dão voz às pautas que foram e ainda são silenciadas. Cunhou o termo “escrevivência” (EVARISTO, 2005), que não só diz respeito às narrativas que retratam experiências adquiridas individualmente, mas também se refere a um coletivo, a um meio social. A sociedade brasileira é marcada por um passado violento que escravizou, matou e torturou os corpos das pessoas pretas e essa condição, infelizmente, ainda é refletida nos dias de hoje. No meio literário, vemos as diversas tentativas de silenciamento das histórias da população preta, daí a importância da *escrevivência*, já que oportuniza uma escrita que dá voz a quem nunca pôde

---

3 Neste artigo, optamos por utilizar tanto os termos “negros/negras” como “pretos/ pretas”, pois acreditamos que o uso dos termos, nos dias de hoje, tem a ver com um sentido geracional de apropriação e posituação dos termos. Segundo Conceição Evaristo: “Sou de uma geração que assistiu esse esvaziamento negativo da palavra negro. A palavra negro era usada sempre no sentido pejorativo. Houve um trabalho, uma autoneomeação da palavra negro para esvaziar o sentido negativo dessa palavra. Foi criada uma semântica de positividade. Isso muito por meio da literatura.” (EVARISTO, 2020). Ora, da mesma forma que na década de 1970 houve o esvaziamento negativo do termo negro/negra e a sua posituação, hoje vemos uma maior utilização do termo preto/preta com o mesmo objetivo de apropriação positiva do termo e, por isso, a nossa utilização de ambos.

falar, muito menos escrever e publicar. No artigo “Escrevivências da Afro-Brasilidade: História e Memória”, publicado na *Revista Releitura*, Conceição Evaristo (2008) afirma que é preciso, portanto, discordar de um discurso poético eurocêntrico e estereotipado e erigir um outro universo discursivo para afrobrasilidade:

[...] na leitura de várias criações literárias afro-brasileiras, se percebe um conjunto extenso de textos, em que o sujeito autoral se inscreve em uma postura coletiva, marcada pelo desejo, pela intenção de criar ‘universos de discursos’, ‘universos de significados’, inventados segundo a visão própria de um grupo. São textos discordantes do sentido da história oficial, e mais do que isto, são erigidos como contradiscursos literários à estereotipia que pesa sobre as personagens negras e sobre as formas culturais africanas e afro-brasileiras no interior de grandes obras da Literatura Brasileira. Se a fala do colonizador de ontem perpetua em expressões como *descobrimto*, *conquista*, *selvagens*, revelando uma história concebida por um olhar etnocêntrico e eurocêntrico, há um discurso poético, que imagina outra história, outro destino para os africanos que foram trazidos e escravizados nas Américas. (EVARISTO, 2008, p. 5)

Ora, é preciso, portanto, muito mais do que uma leitura superficial desses textos literários, mas é preciso priorizar uma releitura crítica e uma reformulação da própria história de um grupo que corresponde a mais da metade da população brasileira. É preciso, por meio da literatura, “[...] construir heróis segundo outro entendimento da história e resgatar da tradição negroafricana um repertório de signos próprios para a sua poética.” (Idem, p. 6). E quando se trata das narrativas construídas através dos textos literários “[...] a escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um “nós” compartilhado.” (SOARES & MACHADO, 2017, p. 3). Portanto, a voz de uma mulher carrega a potência de muitas vozes, que contribuem na reformulação da própria história do povo preto. É isso que veremos em Geni Guimarães.

Nessa mesma esteira de pensamento e por meio do enfrentamento de toda

imposição colonizadora, a filósofa, antropóloga, professora e intelectual afro-brasileira Lélia Gonzalez cunhou o termo pretoguês, uma marca linguística de africanização do português brasileiro (GONZALEZ, 1988). Segundo Carla Akotirene,

O pretoguês resulta da interação entre língua do colonizador e resistência linguística dos africanos. Como as mulheres brancas não maternaram seus filhos, impuseram a educação dos pequenos às mulheres negras, estas últimas transmitiram por gerações os signos linguísticos de África para o sistema linguístico colonial, segundo Lélia Gonzalez, autora do termo. As mães pretas atuaram como intelectuais da sociedade brasileira e não foram meras serviçais. Se consciência é tudo aquilo que a memória não pode apagar, segundo argumentava, é preciso compreender que mães pretas transmitiram a intelectualidade africana para a sociedade brasileira. (AKOTIRENE, 2019, p. 119)

Usaremos, portanto, em nossa análise, o pretoguês em seu sentido político de resistência, uma marca narrativa dos discursos das pessoas pretas e que poderá ser contemplado na obra de Geni Guimarães. A narradora de *Leite do Peito*, por meio do contar de sua própria história dá “[...] voz a sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados.” (GINZBURG, 2012, p. 200), trazendo, com isso, uma nova perspectiva literária, erigindo aquele contradiscurso a que se refere Conceição Evaristo (2008), considerando narrativas que nunca tiveram espaço para serem contadas.

## DESENVOLVIMENTO

Poeta, professora, ficcionista e ativista, Geni Mariano Guimarães é um dos nomes que mais merece destaque ao pensar em literatura de autoria feminina e feminista negra no Brasil. Nasceu em 8 de setembro de 1947 na área rural de São Manoel, cidade do interior de São Paulo. Aos cinco anos, mudou-se com sua família para Barra Bonita, também no interior do Estado, onde cresceu e deu início às publicações de seus primeiros poemas nos jornais da

cidade. Em 1979, publicou seu primeiro livro de poemas, *Terceiro Filho*. Na década de 1980, aproximou-se do Movimento Negro e começou a se envolver em debates sobre literatura negra, publicando seu segundo livro de poesias, além de dois contos no número 4 de *Cadernos Negros*, importante revista que procurou engajar artistas afro-brasileiros. Em 1988, centenário da abolição da escravatura, a Fundação Nestlé publicou *Leite do Peito*, volume de contos da autora. No ano seguinte, foi publicado *A Cor da Ternura*, recebendo os prêmios Jabuti (1990) e Adolfo Nilsen.

Ambas as obras mais conhecidas da autora possuem caráter autobiográfico, pois, segundo ela: “Escrevi porque eu tinha que registrar a vivência de uma família negra, [...] eu precisava falar dos meus traumas, das minhas dores e das minhas alegrias, eu tinha que colocar isso pra fora.” (GUIMARÃES, 1995). Ora, por essa afirmação, já se pode estabelecer uma nítida relação com o conceito político-afetivo de Conceição Evaristo, já que podemos dizer que escrever é parte de uma composição feita de memória, história, experiência, vivência e poética negra.

Não se pode negar que, muitas vezes, o pensamento de todo um povo é moldado pela literatura, assim como também a literatura é moldada pelo contexto social, histórico, cultural e político. Portanto, em uma escrita que privilegia a história por outra perspectiva, a resistência se dá como tema e “[...] como processo inerente à escrita.” (BOSI, 1996, p. 13). Nesse sentido, Conceição Evaristo agencia em sua trajetória crítica e literária uma profunda reflexão sobre a própria questão da autoria negra e feminina, quando defende que o texto é fruto da subjetividade de cada indivíduo, e que este é perpassado, por sua vez, por suas experiências:

Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma ‘subjetividade’ própria vai construindo a sua escrita, vai ‘inventando, criando’ o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra



em vivência' e que por ser esse 'o meu corpo, e não outro', vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p.18).

Ora, mulheres negras são perpassadas por questões de gênero, raça e classe, portanto, é preciso esse olhar interseccional para a literatura produzida por elas, porque é a interseccionalidade presente nos discursos que “[...] permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias.” (CRENSHAW, 1989, *apud* AKOTIRENE, 2019, p. 19). E essas avenidas identitárias carregam justamente esse “[...] corpo-mulher-negra em vivência [...]” (EVARISTO, 2009) que, muitas vezes, são vivências de violência, racismo e miséria. O passado de colonização e escravatura do Brasil corroborou para que essas avenidas fossem lugares desiguais, ocupadas por pessoas brancas, onde as mulheres negras foram subjugadas a um lugar marginalizado. Muito pouco foi feito para reparar os danos que essa condição gerou na sociedade atual e, por isso, a importância em revelar obras como a de Geni Guimarães, principalmente quando detecta-se um discurso autobiográfico e que, novamente, recai sobre as questões e gênero, raça e classe, justamente por ser mulher, negra e de classe baixa.

É importante salientar que, enquanto o autobiográfico exige um pacto com o leitor e utiliza estratégias tradicionais de escrita a respeito da vida de quem escreve (LEJEUNE, 2008), a *escrevivência* e o *pretoguês* são formas de escrita literária da contemporaneidade, que envolvem não só a escrita de vida da autora em questão, mas revelam vivências comuns na vida de mulheres brasileiras, pretas e periféricas.

Consideramos relevante refletir, primeiramente, a respeito do prefácio de *Leite do Peito*, já que ele revelará o quanto o racismo está inserido em nossa cultura literária. A obra foi publicada pela primeira vez no centenário da abolição da escravatura, em 1988, e teve o “apoio” da Fundação Nestlé de Cultura. Entretanto, é perturbador reconhecer algumas “pistas” do porquê de estarem publicando em um ano tão emblemático. Vejamos alguns trechos:

É natural que, este ano, por força do centenário da Abolição e dos *acalorados* debates que ele suscitou, hajamos alcançado um nível ainda mais significativo. [...] *O imprevisto, a surpresa, o espanto* de todos nós, foi haver surgido, justamente no painel de escritores negros, tão homogêneo em combativo profissionalismo, uma voz que a todos sobrepujou com seu timbre de clara e humana simplicidade: a de Geni Guimarães. Ela não somente prendeu o auditório, mas deixou-o pendente das suas palavras, reveladoras de uma experiência ao mesmo tempo *dolorosa e bela*, resistente, de uma *comovedora* verdade. [...] A plateia, emocionada até as lágrimas. *Leite do Peito* irá decerto, repetir, como leitura, a comoção dos que ouviram *a figura frágil de uma mulher* que irradiava força e energia ao relatar suas memórias. Estamos tão certos disso, que resolvemos publicá-lo, *mesmo fugindo à prática* que nos impusemos de só editar as obras ganhadoras dos nossos concursos literários. Mas *a exceção* vale a pena. Publicá-lo como homenagem, que se biparte ou duplica: à escritora negra Geni Guimarães e ao centenário da Abolição, que nós comemoramos abrindo espaço ao debate dos problemas da literatura negra no Brasil. (RAMOS, apud GUIMARÃES, p. 10-11, 2001, *grifos nossos*)

Como se vê, o autor do prefácio revela um espanto, uma surpresa em perceber o profissionalismo da autora, já que se percebe quase que uma obrigação por parte da instituição a escolha de uma autoria negra para comemoração da especial data. Como se não bastassem as diversas afirmações nitidamente racistas, o autor continua se mostrando também extremamente machista e misógino, ao revelar comoção diante de uma “figura frágil de uma mulher” (Idem). E, ainda, para finalizar seu prefácio escabroso, Iraty Ramos justifica-se, ainda, dizendo que “a exceção vale a pena” (Ibidem). Essas afirmações, que causam repúdio, deixam evidentes o quanto a sociedade e, mais especificamente, a crítica literária é, ainda, um espaço marcado por preconceito de raça e gênero. Surge, então, o questionamento: teria sido a obra publicada se não fosse centenário da abolição da escravatura e não houvesse a “generosidade” da Fundação branca e elitista?

Conceição Evaristo aponta para um outro lado destas “celebrações”:

Quando em 1988, a história oficial e alguns órgãos públicos comemoravam o Centenário da Abolição, atividades, manifestações, questionamentos paralelos surgiram no Movimento Negro Organizado e em outros setores civis, denunciando as condições de vida do negro brasileiro. Apesar de tudo, as comemorações prosseguiram e os debates também. (EVARISTO, 2008, p. 14)

Ora, muito mais do que um festejo emblemático, o centenário da abolição deveria servir para denúncias e verdadeiras mudanças estruturais de vida da população negra no Brasil, como reivindicou, por exemplo, o Movimento Negro Organizado em suas estratégias de superação do racismo (FRANCO, 2019). No caso, a obra de Geni Guimarães não deveria ser algo digno de ser publicado apenas por ser centenário da abolição, já que esse fato desconsidera a genialidade da autora e a qualidade estética de sua obra, revelando uma condição preexistente ao texto, a crença de que a produção literária de autoria negra tem valor apenas testemunhal, e não literário.

A pensadora feminista estadunidense bell hooks diz que mulheres negras eram “[...] necessárias para legitimar o processo.” (hooks, 2019, p. 41) e que eram ouvidas apenas se “[...] a fala ecoasse os sentimentos ligados ao discurso dominante.” (Idem). Talvez seja por isso que narrativas tristes e infelizes comovem mais do que histórias de sucesso do povo negro, pois não apresentam ameaças para a classe dominante. O escritor do prefácio ressalta que a história de Geni Guimarães é comovente, é dolorosa, usando adjetivos que criam a impressão de algo apelativo, associando a imagem da escritora à da vítima, digna de compaixão e, por isso, (e pelo centenário da abolição, não podemos esquecer), eles estão fazendo o “favor” de abrir uma exceção e publicarem sua obra.

Logo, o que parece estar nas linhas e nas entrelinhas desse prefácio é o que sempre soubemos e que se estende, infelizmente, até os dias atuais: a exceção apenas confirma a regra. E qual é a regra? O silenciamento e apagamento de narrativas das mulheres afro-brasileiras. Assim sendo, lamentavelmente, esse prefácio é extremamente infeliz e racista.

Geni Guimarães é uma escritora excepcional, ganhadora do prêmio Jabuti, considerado



o maior da literatura nacional, mas que levou anos para conseguir publicar suas obras e até hoje possui pouco reconhecimento na sociedade. O mesmo apagamento que aconteceu/acontece com Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo, em maior ou menor grau. O que essas escritoras têm em comum é que são mulheres, negras, periféricas, em uma sociedade racista e machista, o que faz com que os seus esforços para saírem do lugar de marginalização em que foram inseridas seja muito maior.

Mesmo em um cenário não favorável, Geni Guimarães publicou o volume de contos que, coincidentemente (ou não), aborda as questões de como o Brasil, país colonizado, enxerga a abolição. Os contos da obra seguem uma cronologia subjetiva, própria do estilo autobiográfico e das narrativas de si, em que o texto se constrói de acordo com as memórias que vão sendo reconstruídas pelas lembranças narradas. Entretanto, embora pareça uma obra sobre a vida de uma mulher, *Leite do Peito* é “[...] um conjunto extenso de textos, em que o sujeito autoral se inscreve em uma postura coletiva.” (EVARISTO, 2008, p. 2), já que as histórias – que vão desde a primeira infância até a vida adulta – são entremeadas de reflexões de uma narradora madura e consciente das diversas violências que a permearam.

Logo no início no conto “Tempos Escolares”, por exemplo, a narradora nos leva à sua infância e como foi construída a história do Brasil e do povo negro para ela. A primeira vez que a figura da princesa Isabel é apresentada para a personagem, ainda pequena, ocorre o seguinte diálogo:

- Vó Rosária, ela era santa? [...]
  - Só haveria de ser, filha – disse meu pai.
  - Das mais puras e verdadeiras – confirmou minha mãe.
- (GUIMARÃES, 1988, p. 52)

Apesar de a criança acreditar nesse discurso colonizador, etnocêntrico e cristão, mais adiante, no conto intitulado “Metamorfozes”, a narradora utiliza um discurso divertido



(apenas pela forma ingênua da criança lidar com o assunto), para fazer uma forte crítica àquela imagem puritana da princesa Isabel, por meio de um poema feito na infância, na escola. Mesmo assim, não deixa de inserir também fatos extremamente preconceituosos e de desafetos vividos, na escola, quando a professora faz questão de limpar o rosto após seu beijo, mas não faz o mesmo o beijo é dado por crianças brancas. Além disso, a narrativa traz a voz da personagem adulta que enfrentou inúmeros obstáculos físicos, emocionais e financeiros para conseguir formar-se professora, dificuldades essas que, em sua maioria, não são vividas por pessoas brancas. Com esses relatos, percebe-se que a narradora exerce um papel que pode ser assemelhado a vivências de outras pessoas pretas, ou seja, por meio do contar de sua história própria, Geni Guimarães consegue elaborar o coletivo, a vida negra e rural, convocando o leitor à alteridade e ao (re)conhecimento das diferenças. A autora parte, portanto, de relatos supostamente particulares e caminha em direção ao que toda uma camada social sofre: “A memória individual é antes de tudo uma memória social. O testemunho de memória social vem de certa forma completar a memória individual.” (EVARISTO, 2008, p. 4).

Ao longo de todos os contos, percebemos, ainda, a problemática de uma história que, tanto em casa, quanto no ambiente escolar e nas situações mais cotidianas, as mulheres negras, como Geni Guimarães, são diariamente expostas, seja pelas ações de nojo das pessoas brancas, como a da professora, seja em atitudes como a da senhora do caminhão dos presentes de Natal no conto “Fim dos meus natais de macarronada”. Nesse conto, nota-se a consciência de classe da criança negra tomando forma, demonstrando o brilhantismo da autora em recuperar suas memórias mais íntimas, imbricadas com uma forte crítica social e, até mesmo, política. Nesse sentido, vemos a escrita em pretoguês de Lélia Gonzalez sendo feita, já que aqui não se busca mais os moldes do colonizador para narrar, mas, ao contrário, subverte-se esse discurso a partir da representação da memória de uma mulher negra. Isso fica mais nítido, ainda, na crítica contida

na desconstrução da imagem da princesa heroína, que coloca o branco como personagem ativo na história, como herói, e o negro como um sujeito passivo: “Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem histórias de heroísmo. Morriam feito cães. Justo, era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os São Pedros da história. Lógico. Eles lutavam, defendiam-se e ao seu país. Os idiotas dos negros, nada.” (GUIMARÃES, 1988, P. 68-69).

É oportuno reconhecer, ainda, que a obra *Leite do Peito* propicia a reflexão a respeito da relação entre literatura e história, pois vemos, em momentos da narrativa, o desvelar de uma outra história, escondida e suplantada. Tal história mostra como a história oficial é perigosa e monolítica, já que silencia, oprime e remete àquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) denominou “[...] o perigo de uma história única.”.

## CONCLUSÃO

De modo preliminar, as discussões trazidas neste artigo contribuem para expor o ponto de vista do que é ser escritora, mulher negra e periférica na sociedade brasileira e, mais do que isso, do quanto a crítica literária ainda exala pressupostos machistas e racistas em seus pontos de vistas teórico-metodológicos, haja vista a análise do prefácio de *Leite do Peito*. Além disso, nossas reflexões buscam mostrar a importância de se analisar uma obra de autoria feminina negra com base nos próprios conceitos críticos de mulheres negras, como Conceição Evaristo e Lélia Gonzalez. Esperamos ainda que esta breve reflexão possa contribuir para a visibilidade de grandes autoras negras como Geni Guimarães.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *O Perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.



BOSI, A. Narrativa e Resistência. In: *Itinerários – Revista de Literatura*, 1996.

EVARISTO, C. “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.” In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

EVARISTO, C. “Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória”. *Revista Releitura*. Belo Horizonte, n. 23, novembro, p. 1-17. 2008. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista\\_releitura\\_v23.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf) Acesso em 01 Ago. 2022.

EVARISTO, C. *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, 2. sem., 2009, p. 17-31. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em 01 de Ago. De 2022.

EVARISTO, C. “Negro ou preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história” in: *Jornal Estado de Minas Gerais*, 2020. [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna\\_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml). Acesso em 09 Ago. 2022.

GINZBURG, J. “O narrador na literatura brasileira contemporânea. Tintas”. *Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane*, p. 199-221. 2012.

GUIMARÃES, G. *Leite do peito*. Belo Horizonte: Mazza, 2001.

GUIMARÃES, G. *Leite do peito*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Trad. de Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HOOKS, B. *Teoria feminista*. Editora Perspectiva. 2019.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje* 2.1, 1984, p. 223-244.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.



FERREIRA, A. C. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como lugar da memória afro-brasileira*. Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras. 2013. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP95BHKT/1/disserta\\_\\_o\\_amanda\\_crispim\\_ferreira.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP95BHKT/1/disserta__o_amanda_crispim_ferreira.pdf) Acesso em: 13 Set. 2021.

FRANCO, P.C. “A trajetória do Movimento Negro organizado e suas estratégias de superação do racismo na sociedade brasileira (1931-2003)” In: *Revista Leopoldianum*, v. 45, n. 125, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/884/745>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ROWELL, C. H. Geni Guimarães: Uma entrevista. *Callaloo*, 18(4), 1995, p. 978–980. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3298926>. Acesso em: 03 de Nov. 2021.

SOARES, L. V.; MACHADO P. S. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. In: *Revista Psicologia política*. v. 17, n. 39, São Paulo maio/ago. 2017. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000200002#:~:text=A%20escreviv%C3%A2ncia%20marcadamente%20carr%20assim,%20um%20%22n%C3%B3s%22%20compartilhado](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002#:~:text=A%20escreviv%C3%A2ncia%20marcadamente%20carr%20assim,%20um%20%22n%C3%B3s%22%20compartilhado). Acesso em 01 Ago. 2022.

---

Envio: Setembro de 2022.

Aceito: Novembro 2022